



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de apresentação dos novos oficiais-generais

Clube Naval – Brasília-DF, 20 de dezembro de 2010

Meu caro amigo e companheiro Nelson Jobim, ministro da Defesa,
Meu caro amigo ministro Jorge Armando Félix, chefe do Gabinete de Segurança Institucional,
Meu caro companheiro Samuel Pinheiro Guimarães, ministro de Assuntos Estratégicos,
Meu amigo almirante Julio de Moura Neto, comandante da Marinha,
Meu caro amigo general Enzo Peri, comandante do Exército,
E meu amigo brigadeiro Juniti Saito, comandante da Aeronáutica,
Meu caro amigo general José Carlos de Nardi, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas,
Senhores oficiais-generais,
Amigos e amigas presentes neste ato,

Nesta última vez em que participo do almoço de fim de ano com oficiais-generais, como presidente da República, quero reafirmar a minha profunda admiração pelo trabalho ao qual os senhores dedicam seu profissionalismo, talento e inteligência.

Nossas Forças Armadas, afinal, vêm cumprindo um papel fundamental para o desenvolvimento do Brasil, para a manutenção da soberania nacional, para a defesa de nosso território e, sobretudo, para a afirmação de que somos uma nação voltada para a democracia e a paz.

Na condição de comandante supremo das Forças Armadas e em nome de todos os brasileiros, quero desde já agradecer o brilhante trabalho desenvolvido pela Marinha do Brasil, Exército Brasileiro e Força Aérea



Brasileira. Trabalho pautado pelo patriotismo e pela abnegação, que tive a honra de testemunhar nestes últimos oito anos.

Desde 2003, tenho me empenhado pessoalmente em fortalecer, reequipar e valorizar nossas Forças Armadas e o trabalho de nossos soldados. Hoje, ao fim do nosso governo, posso dizer com orgulho: conseguimos avançar significativamente nesse sentido.

É certo que enfrentamos, todos nós, dificuldades para conseguir dar passos ainda maiores nos programas de rearticulação e de reaparelhamento. Também é certo que ainda há muito por fazer. Mas as conquistas de nossas Armas durante esse período são inegáveis.

Em primeiro lugar, é importante destacar a Estratégia Nacional de Defesa, que simboliza a seriedade de nossos compromissos com as Forças Armadas brasileiras. Trata-se de uma iniciativa que possibilitou a toda a sociedade brasileira participar do debate dos temas da defesa, e que está viabilizando a reestruturação do Ministério da Defesa e a rearticulação e o reequipamento das três Forças Armadas.

Nesse sentido, ainda hoje terei a grande satisfação de presenciar na Base Aérea de Brasília, logo após este almoço, a entrega de três helicópteros EC-725 da família *Super Cougar* destinados à Marinha, Exército e Aeronáutica.

Esse reequipamento também se faz presente em nossa Marinha, cujo programa nuclear me enche de orgulho. Acompanhei, ao longo deste ano, a formalização dos contratos para a construção de um estaleiro e uma base de submarinos em Itaguaí, um submarino com propulsão nuclear e quatro submarinos convencionais.

Realizamos, durante os últimos anos, uma extensa série de estudos e avaliações para a compra de novos aviões caças para a Força Aérea Brasileira. Com isso adiantamos, em muito, o processo necessário para o reequipamento da nossa Aeronáutica.

Senhores Oficiais-Generais,



Não poderia deixar de registrar, nesta ocasião, algumas das muitas iniciativas humanitárias desenvolvidas por nossas Forças Armadas: as operações “Pipa” desenvolvidas pelo Exército nas regiões atingidas pela seca do Nordeste, anualmente; as operações de combate à dengue em vários estados da Federação; o apoio aos governos estaduais de Pernambuco, Rio de Janeiro e Bahia na área da saúde, colocando à disposição soldados, médicos, hospitais e medicamentos; a participação no programa “Forças no Esporte”, que atendeu a cerca de 10 mil crianças e adolescentes, oferecendo reforço escolar, cidadania e inclusão social pelo esporte, em 24 estados; o apoio humanitário, logístico e de pessoal à defesa civil de diversos estados que enfrentaram enchentes ou secas no Sul, Norte, Centro-Oeste e Nordeste do país; a ajuda humanitária prestada durante as buscas ao avião da Air France acidentado próximo a Fernando de Noronha, episódio no qual, mais uma vez, se destacaram a seriedade, a dedicação e a competência dos militares da Marinha e da Aeronáutica; a ajuda permanente levada pelos aviões do Correio Aéreo Nacional na região amazônica, transportando saúde, solidariedade e cidadania a ajuda humanitária prestada pelos navios-hospitais da Marinha, conhecidos como “navios da esperança”, ao longo das calhas dos rios da Amazônia; o apoio incondicional prestado pelos Batalhões de Engenharia do Exército às obras do Programa Calha Norte e, especialmente, do PAC em todo o Brasil, tais como rodovias, ferrovias, aeroportos, portos, canais, pontes, viadutos, com destaque para a integração da bacia do São Francisco; o apoio logístico e de segurança às provas do Enem realizadas no mês de novembro em todo o país, que contou com a participação das três Forças; o apoio prestado ao TSE por ocasião das eleições, também envolvendo as nossas Forças Armadas, garantindo maior eficiência do processo eleitoral, principalmente no Norte e no Nordeste; e, finalmente, o emprego da Marinha e do Exército, a pedido do governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, para assegurar a preservação da ordem pública e, especialmente, a



segurança dos moradores do Morro do Cruzeiro e do Complexo do Alemão.

Senhores oficiais-generais,

A extensa lista de realizações da Marinha, do Exército e da Aeronáutica demonstra e reforça o papel imprescindível das Forças Armadas em nosso país.

Somos, afinal, uma nação que consolidou a democracia e reencontrou e fortaleceu sua autoestima. Crescemos ao mesmo tempo em que reduzimos as desigualdades entre nossas regiões e nossa gente.

O processo de transformação econômica e social do nosso país chama a atenção do mundo. E nos inserimos, de maneira ativa e soberana, nos principais foros globais.

A verdade é que o Brasil tem levado ao mundo uma mensagem de desenvolvimento, fraternidade e de redução das diferenças entre as nações, especialmente as mais pobres.

O impecável trabalho de nossas Forças Armadas no Haiti simboliza muito bem essa vocação brasileira. Nossos soldados ajudaram a pacificar aquele país e a trazer segurança para aquela gente tão sofrida. Eles trabalharam – e continuam trabalhando arduamente – pela estabilização do país, destruído após anos de guerras civis, e foram fundamentais para o alívio de centenas de milhares de famílias vitimadas pelo terremoto.

Quero lembrar, com tristeza, que dezoito militares brasileiros tombaram naquela catástrofe natural. E o exemplo de solidariedade dado por esses verdadeiros heróis hoje inspira as nossas ações no Haiti, que incluem a reconstrução de estradas, escolas, hospitais e até mesmo projetos de usinas hidrelétricas, entre outras iniciativas.

A verdade é que, cumprindo com zelo suas missões constitucionais, nossas Forças Armadas também têm feito muito pelo desenvolvimento social e econômico do Brasil e dos povos irmãos.

Quero, portanto, desejar a todos um ótimo Natal e um feliz Ano Novo.



Tenho a certeza de que os senhores oficiais-generais e todos os integrantes de nossas Forças Armadas continuarão sendo motivo de orgulho para o Brasil e para todos os cidadãos brasileiros.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu queria dizer mais duas coisas que eu considero extremamente importantes, neste dia em que falta pouco tempo para eu deixar a Presidência da República.

Certamente, vocês irão encontrar um Brasil muito diferente daquele que os oficiais da época encontraram, quando eu tomei posse. Vocês irão encontrar um país onde a autoestima da sociedade é do tamanho do território nacional. Eu não conheço outro momento da história do Brasil em que o povo tivesse uma autoestima, como nosso povo está hoje. Vocês irão encontrar um país que tem mais classe média do que tinha quando nós chegamos ao governo. Vocês vão encontrar um país onde todos os salários cresceram acima da inflação, nesses oito anos. Vocês vão encontrar um país onde a Previdência Social teve um aumento real de 67% e não quebramos a Previdência, como se dizia que não poderíamos dar aumento para o salário-mínimo porque quebrava a Previdência. Vocês irão encontrar um país onde parte das maiores obras de infraestrutura feitas no mundo, hoje, estão sendo feitas no Brasil.

Se vocês pesquisarem hoje, vocês vão perceber que, de todas as hidrelétricas que estão sendo construídas no mundo, as três maiores estão sendo construídas no Brasil, neste momento: Santo Antônio, Jirau e Belo Monte que, se Deus quiser, começa em março. Se vocês forem pesquisar, vocês perceberão que não tem nenhum país fazendo a quantidade de investimentos simultâneos que nós estamos fazendo, na construção de ferrovias. Nós estamos construindo, simultaneamente, quase 6 mil quilômetros de ferrovias: a Transnordestina, a Ferrovia Norte-Oeste [Oeste-Leste], terminando a Norte-Sul e fazendo com que, na próxima semana, assinemos o



contrato para levar a Norte-Sul de Anápolis até Estrela d'Oeste, em São Paulo, ligando definitivamente o Porto de Itaquí ao Porto de Santos.

Não existe nenhum país no mundo fazendo as refinarias que nós estamos fazendo hoje. A refinaria do Maranhão, com 600 mil barris/dia; a refinaria de Fortaleza, com 300 mil barris/dia; a refinaria de Pernambuco, com 280 mil barris/dia; e o polo petroquímico do Rio de Janeiro, o Comperj, que é um dos polos petroquímicos mais importantes, que vai custar US\$ 19 bilhões para ser construído.

Não existe nenhum país no mundo, e aí eu posso dizer, nem a China, fazendo o investimento em petróleo que nós estamos fazendo, seja na prospecção do pré-sal, seja na construção de sondas, seja na construção de plataformas que, quando nós chegamos no governo, diziam que o Brasil não tinha competência para construir, que nós tínhamos que importar da Coreia ou de Cingapura. E nós estamos produzindo, no Brasil, com quase 75[%] de componentes nacionais, recuperando definitivamente a indústria naval brasileira, e com investimentos da Petrobras, previstos, de US\$ 224 bilhões de dólares até 2014.

Bem, além disso, não preciso dizer para vocês que nós vamos ter as Olimpíadas das Forças... as Olimpíadas Militares em 2011, que será uma das maiores já feitas no mundo. Depois, vamos ter a Copa das Confederações, em 2013, depois a Copa do Mundo, em 2014, depois as Olimpíadas, em 2016.

Se não bastasse tudo isso, vocês vão pegar um país em que nós construímos, em oito anos, 14 universidades novas, 126 extensões universitárias, 214 escolas técnicas e 750 mil bolsistas no Prouni, que é o maior programa de inclusão das pessoas pobres em universidades brasileiras.

Além disso, vocês vão poder conviver com uma coisa, que dom Pedro tentou fazer em 1847. De dom Pedro para cá, todos os presidentes tentaram fazer. Ninguém conseguiu, ou porque não tinham força política ou porque não queriam fazer de verdade. O dado concreto é que em 2012 os senhores, todos



ainda continuarão gerais-oficiais e, certamente, irão participar da inauguração da transposição das águas do rio São Francisco, um canal de mais de 670 quilômetros que vai levar água para o maior semiárido habitado do planeta Terra. Ou seja, o nosso semiárido tem por volta de 25 milhões de pessoas e é a região mais seca do país. E essas águas, pegando o rio São Francisco, vão passar em Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba, levando água para o ser humano e para o animal, para 12 milhões de brasileiros que viviam deserdados até agora.

O Brasil que vocês vão pegar, a partir de 2011, é um país muito mais respeitado. Conversamos com a Bolívia, quando alguns queriam que nós endurecêssemos com a Bolívia. Conversamos com a Argentina e estabelecemos, possivelmente, a mais importante e o melhor momento de cordialidade e diplomacia já vivido entre o Brasil e a Argentina. Já não acreditam mais na ameaça de que Itaipu é para inundar Buenos Aires, e nós não acreditamos que eles queiram fazer bomba atômica para invadir o Brasil. O que nós estamos fazendo é um fluxo de comércio bilateral, que chegou neste ano a US\$ 35 bilhões, e quando nós pegamos o governo era de apenas US\$ 7 bilhões.

Vocês pegarão um Brasil em que nós não precisamos mais brigar com o Paraguai, apenas fizemos aquilo que deveríamos ter feito muito tempo atrás, garantindo ao Paraguai o direito à energia de Itaipu. E o Brasil tem que financiar a linha de transmissão, porque eles não têm dinheiro para fazer. É o Brasil, como maior economia do continente, que precisa ser generoso e fazer as coisas que precisam ser feitas.

Criamos um país em que vocês, que viajam o mundo inteiro, sabem... e o ministro Jobim deve ser testemunha e o Samuel Pinheiro, como embaixador, que não há momento, na história do Brasil, em que o Brasil tenha sido respeitado no mundo, como nós somos. Não é respeitado apenas na Namíbia, porque a nossa Marinha forma os generais da Namíbia. Não. Não é respeitado



no Uruguai, porque é um país menor do que o Brasil. Nós somos respeitados porque o Brasil ousou fazer aquilo que nunca deveria ter abdicado de fazer: se comportar como um país de 8,5 milhões de quilômetros quadrados, como um país de 190 milhões de habitantes, e que não tinha que pedir licença para fazer as coisas.

Quando nós defendemos a reforma no Conselho de Segurança da ONU, não é porque o Brasil quer apenas participar – porque nós temos direito, pelo tamanho do Brasil, de participar – é porque nós achamos que a China, que a Índia, ou melhor, que a China, que os Estados Unidos, que a Inglaterra, que a França, que hoje representam... e a Rússia, que representam o Conselho de Segurança da ONU como membros permanentes, não representam mais a geopolítica do século XXI, eles representam a geopolítica do fim da Segunda Guerra Mundial e, portanto, nós queremos mudança no Conselho da ONU, para que entre o Brasil, mas que entre a África, que entre a Índia, que entre a Alemanha, que entre o Japão, que aquilo não seja um “clube de amigos”, mas que seja uma instituição multilateral capaz de ter voz ativa para resolver o problema da crise no Oriente Médio.

Vocês acompanharam de perto o quanto nós, brasileiros, apanhamos de gente muito conservadora, que achava que o Brasil não deveria ter conversado com... Cadê minha água, aqui? Você levou, companheiro, minha água? Está aqui.

É muito engraçado, e vou terminar contando esse fato. Acho que o Brasil vive um momento excepcional, que vai exigir de nós humildade, que vai exigir de nós mais companheirismo. Eu vou contar um fato, Samuel Pinheiro, você que é embaixador precisa saber disso. Em junho de 2003, eu tinha cinco meses na Presidência da República - ainda deitava no Palácio da Alvorada e de vez em quando perguntava para a Marisa: Será que é verdade que nós estamos aqui? Será que é verdade que eu sou o presidente do Brasil? - quando eu sou convidado pelo presidente Chirac para ir a Evian.



Chego em Evian, estávamos esperando a chegada de todos os presidentes. Eu cheguei, cumprimentei o Tony Blair, cumprimentei o Chirac, cumprimentei o rei da Arábia Saudita, cumprimentei o Prodi, da Itália, cumprimentei todos os presidentes que estavam lá e fui me sentar à uma mesa com o Celso Amorim e com o secretário-geral Kofi Annan. Eis que, de repente, entra o presidente Bush. E quando entra o Bush, todo mundo se levanta para cumprimentar o Bush. Eu peguei na mão do Celso e falei: Celso, nós vamos ficar sentados. Nós vamos ficar sentados, porque ninguém se levantou quando a gente chegou, por que a gente tem que se levantar agora?. Ou seja, nós precisamos ser tratados em igualdade de condições. Bem, o Bush cumprimentou todo mundo, foi à minha mesa, cumprimentou e sentou junto conosco. Uma demonstração de que a subserviência não leva ninguém a lugar nenhum. Ou seja, um ser humano não gosta de um ser humano que é um “lambe-botas”. O ser humano gosta de um ser humano que se respeita e que quer ser tratado não melhor, quer ser tratado igual aos outros, apenas igual aos outros.

Ou seja, esse foi um momento extremamente importante, que resultou em um segundo momento: a nossa ida ao Irã. Eu estou convencido de que não haverá paz no Oriente Médio enquanto os Estados Unidos forem o tutor da paz. É preciso envolver outros agentes, outros países para poder negociar a questão da paz no Oriente Médio. Não é uma questão dos Estados Unidos, é uma questão que envolve saber quem, dentro da Autoridade Palestina, pode conversar; quem, dentro de Israel, pode conversar; se a Síria vai ser ouvida, se o Irã vai ser ouvido, se o Brasil vai ser ouvido, se a Rússia vai ser ouvida, ou seja, é preciso distensionar a mesa de negociação. Foi com base nisso que nós fomos ao Irã, e fomos ao Irã porque acreditávamos que era possível conduzir o Irã a aceitar a idéia, do Brasil, de que nós queríamos para ele o mesmo que nós queremos para nós: desenvolver a energia nuclear para fins pacíficos, e não para armas químicas.



Pois bem, antes de viajar - vocês sabem, a imprensa já publicou - nós recebemos uma carta do presidente Obama, em que colocava algumas condições. O presidente Ahmadinejad aceitou, exatamente, o termo que nós levamos e, por isso, assinou que estava disposto a se sentar à mesa com a Comissão de Genebra. Mesmo assim, os países do Conselho de Segurança resolveram punir o Irã. Por quê? A única explicação é que era preciso punir o Irã porque o Brasil e a Turquia tinham se metido em uma seara que não era de país considerado emergente. Era uma coisa, apenas, daqueles que estavam no Conselho de Segurança. E o que o Ahmadinejad assinou é, exatamente, aquilo que o presidente Obama colocou em uma carta para nós dez dias antes de a gente viajar para o Irã. Nessas condições, nós aceitamos. Foram obrigados a fazer as sanções ao Irã, apenas porque o Brasil era um intruso e estava entrando em um assunto e em uma seara que o Brasil, habitualmente, não entraria.

E aqui, no Brasil, não foram poucos os comentaristas, os articulistas e alguns embaixadores que fizeram críticas, alguns chegaram a dizer: “Mas o Brasil... o Brasil não tem que se meter nisso, está tão distante. Por que o Brasil se mete?” Pessoas... pessoas que, aceitando a teoria do Nelson Rodrigues, preferem ser tratadas de forma subalterna, preferem ser tratadas como se fossem pessoas inferiores. E o Brasil não tem que pedir licença para fazer o que ele acredita que tem que ser feito e para que ele possa ter uma influência maior no mundo. Nós fizemos isso com muitas viagens.

Os senhores sabem o que eu amarguei quando eu comprei um avião Airbus para o presidente da República, para não passar a vergonha que tinha o Brasil, de um presidente da oitava economia do mundo ficar viajando em um avião alugado; ou não ver [ou ver] o nosso avião ser chamado de “Sucatão” para cima e para baixo; ou não permitir que o nosso avião pousasse em alguns aeroportos; ou, muitas vezes, o Joseli só faltava me tirar do avião para colocar mecânico, de tanto mecânico que ele levava dentro daquele avião. Quando nós



compramos o avião, vocês sabem o que nós passamos. Chegaram a apelidar o avião de “aerolula”. Eu estou muito triste, porque falta dez dias para eu deixar a Presidência, pensei que o avião era meu, que eu poderia levá-lo comigo, iria tomar emprestado à Base Aérea lá de Itapeva, lá de Santos, não posso, vou deixar o avião, porque vai ser agora o “aerodilma”.

Quero dizer para vocês que deixo para vocês, na Presidência da República, uma mulher. Uma mulher competente, uma mulher leal, uma mulher que vai tratar vocês com o carinho e com o respeito que vocês jamais vão esquecer. Mas, ao mesmo tempo, uma mulher que tem dimensão da importância que o Brasil representa no mundo, hoje.

Eu tenho a convicção de que este país viverá dias extraordinários daqui para frente. Não pensem que eu não tenho ego, eu tenho. E fico muito feliz quando vejo a imprensa dizer que 38 milhões de brasileiros saíram da pobreza para a classe média, que 26 [milhões] saíram da extrema pobreza para a pobreza. E fico muito mais feliz ainda quando eu vejo alguns jornais, que publicavam só matéria negativa durante oito anos, serem obrigados a ser publicar, em manchete, que o Lula termina o mandato com 87% de bom e ótimo. Não passa de 100% porque também não tem, o Ibope ainda não inventou um pouco mais de 100%. E isso é resultado de uma coisa: é resultado de trabalho, de trabalho e trabalho. E vocês sabem que nós trabalhamos muito.

Eu sou muito agradecido a vocês pelo tratamento respeitoso, leal, que vocês tiveram com a Presidência da República, e pelos serviços que vocês prestaram a este país, no meu mandato. Sinceramente, foi preciso eu chegar à Presidência da República para reconhecer o potencial e a competência de vocês, coisa que eu e muitos de fora tínhamos uma visão totalmente equivocada.

Com isso, meus amigos, eu quero me despedir de vocês desejando a vocês e às suas famílias um feliz Natal, um bom Ano Novo, e que daqui a quatro, ou daqui a oito, ou daqui a 12 anos a gente possa comemorar um



pouco mais do crescimento do Brasil e da melhoria da vida do nosso país.

Um abraço e obrigado.

(\$211 A)